

muda". Neste sentido, procurou-se refletir sobre os limites e contradições da escola médica, na sua interface com o sistema de saúde.

• **Não Somos Máquinas: um estudo das Ações Sindicais em defesa da saúde do trabalhador na Grande BH**

Raquel Maria Rigotto

Orientador: Carlos Roberto Jamil Cury

Data da defesa: 27/03/92

Foram estudadas as ações em defesa da saúde desenvolvidas por oito sindicatos de trabalhadores sediados na Grande-BH: Metalúrgicos de Betim, Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, Plásticos, Eletricitários, Bancários, Aeroviários, Processamento de Dados e Telecomunicações. A partir da análise de conteúdo de entrevistas semi-estruturadas com os dirigentes sindicais, de documentos sobre saúde produzidos pelas entidades e dados dos acordos coletivos destas categorias, procurou-se conhecer essas ações, visando reunir subsídios para uma pedagogia de defesa da saúde entre trabalhadores. Viu-se que elas emergem nos anos 70 e se expandem ao longo dos anos 80, inserindo-se no contexto de surgimento dos novos movimentos sociais e, particularmente, do novo sindicalismo. Tais ações caracterizam-se pela crítica ao modelo assistencialista de abordagem da saúde e pela construção de nova abordagem. Nela, a saúde é compreendida em suas relações com o trabalho e em sua dimensão histórico-social. Daí a criação de novos modos de defesa da saúde e a reapropriação de canais e instrumentos de intervenção sobre o processo de trabalho já existentes. A estas ações sindicais em saúde subjaz um processo de transformação das representações sociais sobre corpo, saúde, trabalho e trabalhador, no qual os sujeitos que as conduzem vão rompendo com a cultura hegemônica. Compõem, assim, um movimento instituinte, que emerge da elaboração, pelos sujeitos sociais, das contradições vividas na sociedade capitalista, no tocante à saúde. A expansão destas ações em prol da saúde do trabalhador encontra obstáculos no autoritarismo dos empregadores, no restrito espaço político no Estado para os interesses dos trabalhadores, na premência da defesa da sobrevivência, na legislação sindical e na introjeção, por trabalhadores e, seus representantes, de representações heterônomas difundidas pela cultura hegemônica. Inserida neste contexto, as atividades de formação em saúde voltadas para os trabalhadores podem contribuir para este processo, à medida que forem encontrando pedagogias facilitadoras da construção de uma cultura autônoma da classe trabalhadora.

• **Educação em Geografia: caminhos e (des)caminhos da construção de uma prática pedagógica**

Nair Aparecida Ribeiro de Castro

Orientadora: Maria de Lourdes Rocha de Lima

Data da defesa: 03/04/92

Proposta da reconstrução da direção política de uma prática pedagógica em educação geográfica a favor de alunos oriundos da classe trabalhadora. A metodologia da pesquisa se constitui de três momentos que se complementam: 1º) o resgate da memória edu-

cativa refletida criticamente e costurada em análises teóricas. Tais memórias revelam o caráter político das teorias pedagógicas e a luta epistemológica de geógrafos divididos entre a Geografia como "Ciência dos Lugares" e a Geografia como "Ciência da Sociedade"; 2º) o retorno à prática no sentido de recriá-la à luz das reflexões realizadas no Curso de Mestrado em Educação; 3º) os pressupostos teórico-metodológicos subjacentes ao novo que fazer pedagógico, desvelados, revelam a direção política reconstruída e iluminam a compreensão do próprio que fazer. Enfeixando a dissertação, a Geografia emerge como ciência da Sociedade e o processo pedagógico, metamorfoseado em ENSINO PESQUISA, como processo que se faz e sempre se refaz, guardando em essência o compromisso de cada um de nós com o espaço geográfico em construção.

• **Alfabetização: uma ou duas? um estudo exploratório**

Maria Mello Garcia

Orientadora: Magda Becker Soares

Data da defesa: 10/04/92

A "Democratização do Ensino de 1º Grau" entendida como acesso de todos à escola não resultou em permanência, nem em saber para todos os alunos.

A presença do contingente de alunos, maior e diversificado, na escola de 1º Grau, trouxe problemas antes desconhecidos. Repetência, evasão, não-alfabetização e sub-escolarização estão presentes, sobretudo nas séries iniciais e, especificamente, na 1ª série.

Estudos realizados sobre estas questões apontam relações entre Escola, Classes Sociais e Alfabetização.

A pesquisa descrita no presente trabalho teve o objetivo de compreender o conceito de alfabetização em escolas que atendem a diferentes classes sociais, com base nas práticas escolares e não a partir de estudos teóricos.

A pesquisa foi realizada em duas escolas: uma que trabalha com crianças de camadas populares e, outra, que trabalha com crianças de camadas privilegiadas.

Semelhanças e diferenças foram encontradas no processo de alfabetização das duas escolas, caracterizando situações, processos e produtos que permitiram identificar conceitos diferentes de alfabetização. Ficou evidente a subescolarização das crianças das camadas populares.

Ensino de Ciências e de Matemática para Pequenos Trabalhadores

Eduardo Sarquis Soares

Orientador: Odeir José dos Santos

Data da defesa: 22/04/92

Que função ocupa o ensino de Ciências e de Matemática na educação de crianças e adolescentes de populações marginalizadas?

Tentar encontrar uma resposta a essa questão motivou a montagem da pesquisa que culminou nesta dissertação. Aqui são discutidas posições de outros autores, relativas ao ensino de Ciên-